

Diário de Petrópolis, 10 de Outubro de 2022

## As Previsões do Dr. Doom, 2ª Parte: Os Devedores “Zumbis”

Por: Ronaldo Fiani

Expliquei no artigo do último domingo que “Dr. Doom”, que se pode traduzir como “Dr. Apocalipse” ou “Dr. Catástrofe”, é o apelido que a imprensa atribuiu ao economista Nouriel Roubini. Roubini ganhou este apelido por ter previsto a crise em 2008, que ficou conhecida como “A Grande Recessão”. Destaquei também naquele artigo que muitos economistas famosos não perceberam o colapso econômico que se aproximava. Apontei então como causa desta cegueira os modelos teóricos convencionais que estes economistas utilizam.

Hoje vou tratar das previsões feitas por Roubini, previsões estas bastante sombrias. Antes disso, contudo, tenho que explicar minha posição acerca de previsões econômicas. Já alertei em outro artigo para o cuidado que se deve ter com as previsões dos economistas (O Que há de Errado com as Previsões dos Economistas? Diário de Petrópolis, 16 de janeiro de 2022), cujos erros são frequentes, mesmo em documentos especializados como o Boletim Focus, que reflete as previsões do mercado financeiro e é publicado pelo Banco Central.

Na verdade, mais importante do que “cravar” a taxa de crescimento do PIB ou da inflação, o que é sempre muito difícil e exige muito mais arte do que ciência, é compreender a conjuntura econômica e quais são as tendências que ela aponta. É na interpretação do quadro geral da economia e de qual direção ela está tomando que o economista pode realmente ajudar: será deste ponto de vista que vamos considerar as previsões de Roubini.

Roubini disse que espera uma recessão “longa e fria” nos Estados Unidos e no mundo, no final deste ano. Também afirmou que essa recessão severa pode durar todo o ano de 2023, acarretando uma queda acentuada do índice da bolsa de Nova York que abrange as ações das 500 maiores empresas, o Standard and Poor’s 500 (S&P 500). Roubini ainda apontou que mesmo que a recessão não seja muito severa, o S&P 500 pode cair 40%.

Como afirmei antes, a questão não é tanto se as previsões de Roubini quanto à intensidade e à duração da recessão, assim como em relação à queda do S&P 500 estão corretas (o que só o tempo poderá mostrar), e sim a análise que ele faz da conjuntura global, que embasa estas previsões sombrias. Nesta análise ele aponta dois fatores importantes.

Já tive a oportunidade de analisar o primeiro fator em outros artigos: a elevação dos custos provocada por problemas de oferta, problemas estes que vão desde o desmonte de cadeias globais de valor provocado pela pandemia e pela tensão geopolítica, até os efeitos da Guerra da Ucrânia. Esta elevação dos custos, que vem se verificando globalmente vai retardar o crescimento global, reduzindo os lucros das empresas e seus investimentos.

O segundo fator, contudo, parece ser o mais grave, pela forma que Roubini o aborda: o elevado nível de endividamento das famílias, empresas e governos, frente às elevações das taxas de juros promovidas pelos governos mundo afora, as quais visam a combater a inflação provocada por esses problemas de oferta que acabei de mencionar.

O endividamento elevado torna empresas e famílias, assim como os próprios governos vulneráveis aos aumentos das taxas de juros, pois eleva os pagamentos que têm de ser realizados para honrar os serviços de suas dívidas, expondo ainda mais aqueles que já se encontram em uma situação financeira frágil. Nas palavras de Roubini, com o aumento das taxas de juros e conseqüentemente dos

serviços das dívidas, aquilo que ele chama de “instituições zumbis”, ou seja, famílias, corporações, bancos comerciais, outras instituições financeiras e países que hoje estão em situação frágil vão se tornar progressivamente insolventes e entrar em colapso.

Roubini está exagerando na análise da conjuntura? O seu diagnóstico das tendências econômicas globais está correto? No próximo artigo vou discutir as evidências para o prognóstico lúgubre de Roubini.

A propósito: no momento em que escrevo este artigo, o Credit Suisse, um dos maiores bancos do mundo com valor estimado em 10 bilhões de dólares passa por uma profunda crise de confiança.

Link para a matéria original:  
<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-220665>